

Numero de Ordem	NOME POR EXTENSO	IDADES				NACIONALIDADES					SEXOS					ESTADO CIVIL					Numero de Familias	Individuos sem Familia	Agricultores	Jor				
		Meses de 12 annos	De 12 a 45 annos	Maires de 45 annos								Masculinos	Femininos	Solteiros	Casados	Vivos												
40	Sanice Antem	81									1					1												
2	Alexandra	32										1																
3	Nazile	7									1																	
4	Lina	4										1																
5	Micelae	7 meses										1																
6	Mijas Wladyslaw	28									1																	
7	Wylanowski Tawel	41									1																	
8	Candido Christino Silva	40									1																	
9	Branulina	22										1																
2.410	Flora	18										1																
1	Alleiso	17										1																
2	Rosalina	15											1															
3	Luciana	14											1															
4	Maria	13											1															
5	Paulino	12											1															
6	Zulmira	2											1															
2	Elemente	6 meses											1															
8	João Christino Silva	20											1															
9	Mariana	45																										
2.420	Ruiz	17											1															
1	Manoel	15											1															
2	Victoria	14											1															
3	Benedicta	10											1															
4	João	7											1															
5	Juliana	7 meses											1															
6	Claudio Jr. Silva	41											1															
7	Maria	26											1															
8	Francisco	17											1															
9	Manoel	14											1															
2.430	Augusto	5											1															
1	Sebastião	3											1															
2	Sebastiana	6 meses											1															
3	Trinco Christino Silva	31											1															
4	Rosa	34											1															
5	Justina	12											1															
6	Pegorio	9											1															
7	Maria	3											1															
8	Casimiro Casimiro Silva	21											1															
9	Carolina	22											1															
2.440	Maria	21/2											1															
1	Manoel	10 meses											1															
2	Maria Rita	50											1															
3	Maria Eudoxia	16											1															
4	Maria Juazica	18											1															
5	Benedicto Rocha	16											1															

Polónia
Brasileira

Colcha de Retalhos: uma família polonesa no brasil

ROSA MARIA MIJAS BELOTO

Colcha de Retalhos:

uma família polonesa no Brasil

Miró
EDITORIAL

São Paulo

2014

Copyright © 2014, 1ª edição brasileira
Rosa Maria Mijas Beloto

Dedicatória

Produção Editorial Miró Editorial
Diretora Editorial Márcia Lígia Guidin
Coordenação Editorial Xxx
Revisão Xxx
Projeto Gráfico WK Editorial
Capa Willy Kiyoshi
Impressão e Acabamento Xxx

Para adquirir esta obra, entre em contato com:
editorial@miroeditorial.com.br
www.miroeditorial.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)



Índices para catálogo sistemático:

ISBN:

Todos os direitos reservados
Miró Editorial Ltda.

Miró
EDITORIAL

Rua Augusta, 2676, cj. 143.
CEP 01413-100 — São Paulo — SP
Tels. (55) (11) 3063-3390 / (55) (11) 3532-3342
Visite nosso site: www.miroeditorial.com.br



Colcha de Retalhos: uma família polonesa no Brasil

Natal de 1998. Em abril do mesmo ano, Bruno Egon Mijas havia partido, aos 65 anos. Com exceção de Wanda, a filha caçula e única brasileira da família Mijas, os demais já estavam no outro mundo: Henryk, Bruna, Helena, **Zigmunt**, Edward, Janina, a quem se uniu o recém-chegado Bruno.

Como Wanda morava na casa que sempre foi da família Mijas desde a mudança para a Freguesia do Ó, ou seja, desde antes mesmo de ela nascer, os netos e netas de Henryk e de Bruna, com seus maridos, esposas e filhos pediram-lhe que o Natal daquele ano fosse comemorado lá. Afinal: aquela casa havia sido palco de inúmeras festas inesquecíveis, fazia muito tempo que todos não se reuniam no Natal, como acontecia na infância daqueles descendentes e, depois da morte de Janina e de Bruno, os primos e suas respectivas famílias sentiram um forte desejo de se reunir e de comemorar juntos o nascimento do Mestre Jesus. Wanda, logicamente, permitiu, e o Natal de 1998 reuniu os Mijas novamente naquela casa.

Chegou um momento, no dia 25 de dezembro de 1998, à tarde, na Rua Estácio Ferreira, 27, ali na Freguesia do Ó, em São Paulo, que o envolvimento de todos, a emoção das lembranças felizes naquela casa atraíram a presença dos que estavam no outro mundo – pois eles não puderam ser vistos, mas puderam ser sentidos. Tempos depois, Bruna apareceu em sonho para sua neta e lhe fez um pedido em nome de todos os Mijas que já haviam partido.

Quando se fala em Segunda Guerra e no terrível massacre dos nazistas ao povo judeu, surgem, na memória da humanidade, imagens dos horrores do Holocausto, até mesmo na dos que nunca os viveram, e que só sabem o que aconteceu pelos livros, pelos filmes, pelos documentários exibidos pela televisão, pelos relatos dos mais velhos. Ou na Escola, ao estudar a História do século XX, ou pelas notícias e reportagens na internet. Naquele contexto, qualquer história de judeus sobreviventes é uma nesga de sol no meio da escuridão, é a prova

de que sempre fica alguém para contar tudo o que uma guerra pode trazer de muito ruim à humanidade para que ela não se repita nem em pensamento.

Assim, a história aqui contada – o pedido de Bruna à neta – é uma surpreendente narrativa, diferentemente da maioria, com final feliz a partir desse conturbado período da História.

Quando foi decidido que ela seria contada, o universo conspirou para que ela fosse transmitida a muitas pessoas, para que ficassem as narrativas, os depoimentos, os episódios que destacam os momentos felizes da vida de uma família; de maneira que esses momentos – mesmo relatando algo muito simples, cenas cotidianas, aparentemente corriqueiras e sem importância – pudessem ser um argumento mais do que suficiente para buscarmos sempre a paz e afastarmos qualquer possibilidade de guerra, de violência e de sofrimento que possam privar as pessoas desse *cotidianismo*.

A simplicidade se torna algo valioso, a rotina se torna novidade, um abraço se torna uma corrente, o pouco se torna abundância, o trivial se torna inesquecível quando passam a não mais ocorrer. Tudo o que se tem é valorizado quando se perde, e o desejo do resgate se torna a razão da sobrevivência, já que com tudo que se perdeu foi junto aquilo que é condição de existência do ser humano: a sua liberdade.

Existe uma maneira muito eficaz de se evitar a guerra: é mostrando quando ela ocorreu, seus vencedores – e como eles conseguiram essa façanha –, muito mais do que contar sobre os que foram derrotados e como o mal e a morte triunfaram.

Tal qual uma colcha de retalhos, esta narrativa é um conjunto de histórias de uma família polonesa que disse não ao Holocausto, que teve e tem vida muito feliz e cuja façanha foi se sagrar “vencedora” na Segunda Guerra e derrotar as várias investidas também sofridas por outras famílias judaicas de várias nacionalidades e em todo o planeta.

A história aqui contada foi o pedido de Bruna a sua neta naquele sonho: ela narra a história da família Mijas, que encontrou no Brasil sua pátria acolhedora, seu refúgio, permitindo que tivesse uma vida bem-sucedida e que pudesse desfrutar da tão desejada liberdade. Uma história com final feliz. Prova disso sou eu, a neta de Bruna bem como este livro.



Foto de meu pai aos 21 anos

Sobrenome

Querida Baba,

Não foi pouco o sofrimento pelo qual passei, principalmente na escola, quando fiz o então ginásio e o colégio, sempre que os professores faziam a chamada e diziam meu nome em voz alta para que eu respondesse “Presente”: Rosa Maria **Mijas!** No Brasil, esse nome é um verbo que representa uma ação, uma necessidade fisiológica. Mas aprendi com a senhora que, como poucos sabem, a letra jota tem som de “i” fraquinho e que a pronúncia correta deste sobrenome é “*mi-as*”.

Eu tentava explicar isso na escola, mas não tinha jeito: a cada chamada, gargalhadas eram ouvidas e os professores mal escutavam a minha voz, “presente”. Na fase de namoro, os comentários giravam em torno das possibilidades de meu sobrenome ser seguido por outro que formasse uma sequência de baixo calão quando eu me casasse. Felizmente, casei-me com o Lino, que tem sobrenome Beloto e o Mijas Beloto, mesmo para quem não sabe que se diz “*Mias Beloto*”, não soa tão mal. Como nunca houve jeito, passei a levar na brincadeira, tanto que um dia meu pai me disse, fazendo piada, que havia uma empresa interessada no nome dele; e eu respondi... que só podia ser uma indústria de vasos sanitários.

Apesar das brincadeiras e das piadas que fizeram e que de vez em quando ainda fazem com este sobrenome, ser “Mijas” sempre foi para mim motivo de orgulho. Tenho certeza de que tudo que ele carrega de bom compensa esse bullying. Brincadeiras à parte, vamos ao que interessa e que me levou a entrar em contato com você, Baba.

E só para esclarecer a quem nos ler e acompanhar nossas lembranças daqui em diante: baba é uma simplificação de babcia, que significa vovó. Como esse substantivo substituiu seu nome próprio, vou chamá-la aqui como sempre: Baba. Vovô, em polonês, eu lembro, é dziadek, mas ficará mais fácil me referir ao nosso querido Henryk Mijas por vovô ou vovô Henryk.

Escrevo para dizer a você, onde quer que esteja, que começo a escrever hoje a história da família Mijas, atendendo o seu pedido, com uma narrativa que parece pura ficção, mas que é pura verdade – principalmente porque tive a felicidade de ficar naquele seu quarto por várias horas e por muitos dias, pouco tempo antes de sua partida; foram momentos em que tantas coisas você me contou.

Hoje, com 58 anos, percebo os momentos valiosos que desperdicei não aproveitando muito mais nossa estada juntas neste planeta. Parece que o período em que convivemos durou apenas um segundo diante do tanto que tínhamos para conversar; a senhora a contar e eu a ouvir e a viver em pensamento toda aquela narrativa que, repito, mais parecia ter saído de um romance, de uma obra cinematográfica ou de uma modalidade narrativa muito popular atualmente: uma telenovela.

Que histórias!

Boa parte dessa importante e maravilhosa história, que vou contar neste livro para que muitas pessoas a conheçam, a senhora reviveu nos últimos meses de vida, certamente porque retornou à casa que lhe trazia tantas lembranças e que não tinha mais quem nela era mais importante: seu companheiro de todos os momentos, Henryk Mijas. Nem a alegria das reuniões com poloneses com histórias semelhantes às que tinham vivido, com muita vodka, polca, gargalhadas, vez em quando interrompidas por lágrimas ao entoar uma canção popular que trazia a Polônia àqueles corações, e, sem nada disso, a vontade era de morrer para ir ao encontro de todos que já tinham partido para a vida espiritual, posso garantir a você que hoje tenho a história toda, completa: além da sua, que você quis contar para reviver em lembrança os tempos áureos daquela casa e de sua vida, tenho as minhas lembranças de criança, de adolescente e de adulta, tenho as narrativas de meu pai e de seus outros filhos, meus tios e minhas tias, tenho as fotografias, tenho algumas cartas e livros e a narrativa de meus mentores que me ajudaram a completar as lacunas reativando as minhas memórias, a responder as perguntas, a sanar as dúvidas e os dados pouco claros por meio de pesquisas às pessoas ainda vivas, à Internet e até à História. Tudo se completou e se encaixou.

Vamos, então, daqui em diante, Baba, recuperar os momentos desperdiçados e relembrar juntas os episódios que montam esta colcha de retalhos, a história de nossa família, por meio de cartas, para contá-la a todos os leitores e inspirá-los.

Também escrevo para pedir que não fique com ciúme daquele que aparece como protagonista, seu companheiro, seu amor e meu avô, Henryk Mijas, simplesmente porque não havia

lugar e situação em que ele não fosse líder. No final deste livro, Baba, direi à senhora e a todos o verdadeiro motivo dele ter sido tão especial...



Foto minha na escola já sofrendo com o sobrenome MIJAS.
Qual é o número?

Vodka

Baba,

Durante nossas longas conversas, você contou muitos episódios, nem todos em sequência, mas me lembro de que começou sua história a partir do dia em que conheceu o amor de sua vida, meu avô Henryk.

A partir daqui, por isso, vou reproduzir e relembrar cada um dos retalhos desta colcha – só que agora em ordem cronológica para que os leitores destes retalhos-cartas possam entendê-la e montar para si sua colcha da memória.

O vovô Henryk Mijas era um jovem polonês de família judia, que estava separado de uma mulher de cujo nome ele sequer queria se lembrar – por isso jamais o citava. Capataz em fazenda, ele se via prestes a assumir esse posto num latifúndio na Pomerânia, região que ocupa o norte da Polônia e da Alemanha. Para isso, precisava deixar seu pequeno filho, Zigmunt, abandonado pela mãe e por quem era o único responsável, na casa de seus pais. Fez isso, prometendo que em breve retornaria para buscá-lo. Foi trabalhar numa Fazenda na Pomerânia alemã, onde as terras aráveis serviam ao cultivo de cânhamo e de beterraba branca – da qual extraíam o açúcar, e que também era matéria-prima na produção artesanal da bebida preferida dos poloneses, a vodka, que tanto você apreciava (e sempre tinha debaixo da cama para um gole antes de dormir, não é mesmo?). O pequeno gole, eu sei, a deixava leve, relaxava e a fazia sonhar...

A vodka, hoje, continua sendo uma bebida típica polonesa, mas faz parte de muitas receitas das cartas de bebidas do mundo todo. No Brasil, por exemplo, a caipirinha deixou de ser feita exclusivamente com pinga e pode ser feita com vodka. Fica uma delícia, Baba! Bom, você deve tê-la experimentado... Dentre os

vários produtos agrícolas cultivados pelo vovô, estava aquele de que ele mais gostava de comer: a batata. Em pouquíssimo tempo, ele se tornou o chefe dos trabalhadores daquela terra que se mostrou fértil, como nunca se tinha visto, pois a conhecia intimamente, conversava com ela, acariciava-a sempre que estava sozinho com ela; sabia a dose certa de sementes, de adubo, de água e principalmente de amor que nela colocava para que tudo germinasse e florescesse com beleza, perfume, sabor e com muita qualidade.

Naquela terra, a produção agrícola era farta e, graças à cumplicidade como aquela que havia entre ele e aquele campo gerador de alimento e de vida, em pouco tempo o proprietário da fazenda fez do vovô **Henryk** seu braço direito e o recompensou materialmente pela produção obtida já na primeira safra de sua estada naquele lugar.

Depois de alguns meses, mas muito tempo antes do que havia suposto e prometido, o vovô foi buscar seu filho, pois já podia dar ao pequenino uma boa vida, com excelente alimentação, com algum conforto e, o melhor, já poderia tê-lo mais perto para vê-lo crescer como crescia toda a plantação. Ele poderia enraizar **Zigmunt**, que recebera o nome de um de seus tios misteriosamente desaparecido da vida do vovô Henryk e do restante da família, naquela fazenda, naquele chão, naquele país.

Outro irmão do vovô também misteriosamente desaparecido foi Wlad, ou melhor, Wladyslaw Mijas. Você sabia, Baba, que, em 11 de julho de 1928, um polonês de 28 anos, agricultor, chamado Wladyslaw Mijas desembarcou sozinho no Brasil? Pois é, e eu descobri isso quando fui pesquisar os registros do desembarque de poloneses Mijas no Brasil, no Museu dos Imigrantes. Esse Wlad Mijas pode ser um dos irmãos desaparecidos do vovô, você não acha?

O vovô Henryk poderia ter ido buscar seu filho algumas semanas ou meses depois, mas todas as noites ele pensava no menino e o ouvia chamando. E como se ouvisse o chamado daquela criança cada vez mais alto e de perto, ele se antecipou.

Ao verem o vovô Henryk de longe, seus pais e irmãos ficaram

em alvoroço, correndo para todos os cantos. Ao chegar à casa dos pais, vovô ficou estarecido quando viu o estado daquela pequena criança. Muito magrinho, abatido, com o corpo cheio de feridas e hematomas de tanto apanhar, mordido por insetos e roedores, dormindo no estábulo, **Zigmunt** foi encontrado quase morto. Ao perceber que até os porcos daquela casa comiam melhor e estavam mais limpos e bem cuidados do que seu filho, o vovô Henryk foi dominado por um ódio incontornável que o fez pegar a criança e, maldizendo sua família, partiu dali gritando que jamais voltaria àquele lugar, que não queria mais ver aqueles que eram seus pais e irmãos e que odiava todos e tudo que se relacionava a eles.

Henryk, naquele dia, rompia em definitivo com sua família e com o judaísmo. Tempos depois, foram dizimados na Segunda Guerra Mundial por isso, de fato, jamais tornaria a ver seus pais e irmãos. Nós duas sabemos, Baba, que, embora ele tenha rompido com a família e com o judaísmo, no fundo de sua alma isso jamais aconteceu. Como você sempre teve certeza, havia muito mais mágoa no coração do vovô do que ódio.

Ao voltar à fazenda em que trabalhava na Alemanha, vovô Henryk não poupou esforços nem dinheiro para recuperar seu desnutrido filho, machucado no corpo e na alma, como ele também estava. Como seres humanos eram capazes de fazer uma crueldade daquelas com alguém do próprio sangue, indefeso, incapaz do mínimo de maldade? Zigmunt era um passarinho miudinho, como um cristal muito fino e quebradiço que tinha sido torturado e quase morto em vida.

Ao passar por todo aquele sofrimento por causa do filho, nosso Henryk aprendeu que, apesar daqueles acontecimentos que o endureceram, Deus sempre puxa o ser humano para que a vida continue quando ainda não é o momento da chegada da morte. Como fazia com a terra que dava frutos saborosos, bonitos e cheirosos, nutriu com muito amor seu pequenino filho com aqueles alimentos tirados da mesma terra. E como você também me ensinou, Baba, não há nada que o amor não cure.

Baba, querida,

Este outro retalho-episódio é de suma importância. Vovô Henryk voltou à fazenda em que estava instalado. E como ele dava conta e sabia supervisionar tudo o que dizia respeito aos assuntos agrícolas! Do plantio à colheita, coordenava todos os trabalhadores e trabalhos daquela fazenda. O pequeno Zigmunt, morando com ele, recuperou-se rapidamente da desnutrição e dos maus tratos que sofreu por parte de seus avós e tios; estava saudável, gordinho, corado e muito contente.

A produção naquela fazenda não poderia estar melhor também, tanto que ela exigia que um novo grupo de camponeses fosse contratado. Ao realizar essa tarefa, nosso jovem capataz teve sua atenção chamada pela presença de uma jovem muito linda e forte: Bronisława Kubacki, ou simplesmente Bruna. Você, Baba! Por isso falei sobre a importância deste episódio, deste lindo retalho de nossa colcha. Logo depois, ele descobriria que você, Bruna, não era uma mulher forte apenas fisicamente: era também uma corajosa mãe solteira e trazia consigo sua filha Helena, cuja criação assumira sozinha desde que o pai dela, um jovem ator que não tinha residência fixa, havia sumido com sua trupe mambembe. Todos sempre comentaram, e as fotografias confirmam que a semelhança entre você e sua filha Helena era impressionante e que “a menina herdara essa semelhança e a força da mãe e o amor pelo teatro de seu ausente e desconhecido pai”.

Desde o primeiro contato, você tocou de tal maneira o coração do vovô, que, diante de você, aquele capataz autoritário e amargo se transformava no mais risonho e doce dos homens. Em pouco tempo, vocês estavam casados, não é? Helena ganhou um

pai e **Zigmunt**, a melhor das mães. E, depois de uma gestação normal, saudável, sem um dia sequer de interrupção de trabalho, as duas crianças ganharam uma irmã, de cabelos tão loirinhos, quase brancos, e com um lindo par de grandes olhos azuis: sua filha e minha tia Janina. Depois de dois anos chegou mais um irmão, Edward, e a família Mijas – você me disse – vivia uma fase muito feliz naquela fazenda.

Diariamente, você e o vovô trabalhavam arduamente na terra, que correspondia ao amor e à competência com que os camponeses daquela fazenda trabalhavam nela dando uma farta produção de alimentos e uma colheita que garantia a permanência de todos trabalhando, recebendo seu salário e o pão de cada dia (na verdade, na época, um camponês recebia por dia um valor suficiente para comprar um pão e um ganso para alimentar a si e a sua família). Depois da jornada de trabalho, vocês dois iam para sua casinha numa espécie de vila dos camponeses que havia na fazenda para o banho e o jantar de toda a família. Depois que as crianças eram colocadas para dormir, você e o vovô ouviam o som da polca que vinha de uma espécie de taverna que havia naquela vila e logo depois iam ao encontro de outros casais e ali dançavam, bebiam e cantavam até a alta madrugada.

Como você se emocionou ao lembrar dessa rotina e das horas dormidas entre a polca e a enxada, apenas duas ou três – mas nenhum daqueles casais sentia cansaço, pois aquele era um exercício físico que fazia muito bem à cabeça e ao coração! Você sempre afirmou isso, Baba, e tenho certeza de que é verdade: mesmo muito jovem, eu também sempre saí muito leve depois de dançar uma seleção de polcas nas festas polonesas que você e o vovô promoviam com frequência.

Você também constantemente se lembrou de que todos os anos acontecia o mesmo: o trabalho na terra era realizado na primavera, no verão e numa parte do outono, sendo que, na outra parte, o trabalho era de estocagem de alimentos para o rigorosíssimo inverno, quando você preparava as comidas em conservas e as

colocava em grandes potes de vidro – pepino, pepino com iogurte, sardinha recheada com cebola, dentre outras conservas azedas; salchichas, linguiças e choriço feitos artesanalmente na matança dos porcos, em que eram aproveitados integralmente: sua banha para refogar e temperar alimentos, seu couro para o torresmo, pés para o mocotó, suas carnes, que eram salgadas para manutenção de suas propriedades; os pães e as Cucas – bolos recheados com nozinhos de açúcar com canela. Também eram estocadas as matérias-primas para as sopas, como a *Borscht*, feita de beterrabas, mais pães, o *Gulash* – cozido típico polonês feito com carne e todos os legumes. Claro que não faltavam as bebidas, principalmente a autêntica vodka polonesa. Muita batata, consumida apenas com sal e manteiga.

Você me ensinou que a batata era o alimento típico das terras polonesas e alemãs da Pomerânia e seu consumo apenas cozida, salgada e banhada na manteiga era a comida predileta de muitos poloneses que conheci até hoje. Esse costume se mantinha onde estivessem os poloneses, certamente para alimentar, aquecer e para lembrar sua pátria! No inverno, você contou que a neve era alta, espessa e cobria os campos e as entradas das casas: não havia o que fazer a não ser o trabalho doméstico, a renovação da lenha para cozinhar e aquecer. Sair, só para a missa e para o estritamente necessário e urgente: o baile. A polca, como a batata e a vodka, alegrava, aquecia e alimentava aquelas almas...



Polca

Papa

Baba,

Esta carta – mais uma colcha de retalhos multicoloridos – é uma prova de que devo parar de dizer que temos um novo episódio importante e muito especial. Como já conheço todos os retalhos, posso garantir ao leitor das nossas cartas que não haverá muitos retalhos com cores apagadas e indefinidas. Nem menos alegres e sem muitos obstáculos. Todos serão importantes e muito especiais.

Vamos relembra a história de sua filha Helena – que sempre marejou seus olhos ao falar sobre ela. Vou tentar reproduzi-la com ao menos um pouco da emoção com que sempre a ouvi de você, *Babcia!*

Desde muito menina, Helena seguiu os passos de seu desconhecido e ausente pai (eram esses adjetivos que você usava quando se referia ao pai de Helena), mas, por mais desconhecido e ausente que alguém seja, deixa sempre as marcas biológicas em seus descendentes. Genética. Saindo da genética para a filosofia determinista de Taine, será que aquele filósofo tinha mesmo razão quando dizia que o ser humano é produto de seu meio, do momento histórico e de sua raça? Se assim não fosse, como explicar o talento, o amor à dramaturgia de Helena na mesma proporção que tinha seu pai biológico desde muito pequena? Além de excelente atriz, logo cedo Helena começou a escrever peças de teatro. Atriz e dramaturga, a menina polonesa tinha a sua trupe da qual também fazia parte um belo e talentoso menino chamado Karol Józef Wojtyła.

Os dias passavam rápidos, meus tios Zigmunt, Janina e Edward cresciam, você e o vovô se amavam cada vez mais, havia em suas vidas a alegria da simplicidade, do contentamento com o que se tinha, da paz e da tranquilidade que perfumava o ar

daquelas existências, momentos que não foram jamais esquecidos pelos membros da família. Como a simplicidade, a vida pacata e rotineira se tornam valiosas quando a vida se transforma no oposto de tudo isso! Helena, a menina polonesa e talentosa, certamente alcançaria o sucesso em sua pátria se tivesse continuado seu caminho dedicado quase que totalmente ao teatro.

Um papa entre nós

O mesmo aconteceria com Karol, mas ele lentamente teve seus caminhos desviados de acordo com a vontade de Deus, e a vocação para o teatro, a facilidade no estudo e no aprendizado de pelo menos 12 línguas, se resumiriam na palavra de Deus que um dia foi tão bem dita: o dia em que descobriu a vocação religiosa que faria dele a figura mais eminente da Igreja Católica e um dos Papas mais respeitados e lembrados por todos, inclusive não católicos: João Paulo II.

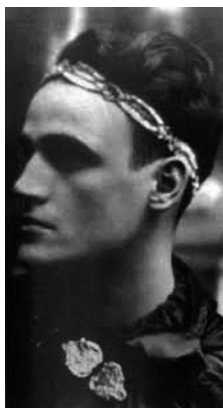
Helena e seu jovem companheiro de teatro nunca mais se reencontraram, mas veja como são os caminhos da vida, Baba. Assim que foi eleito Papa, a imagem de Karol se espalhou pelo mundo e eu me lembro quando meu pai chegou em minha casa com um pôster e, sem quase conseguir dizer o que queria, porque o choro o atrapalhava, contou-me que havia conhecido aquele homem que agora era Papa quando ele ainda era o jovem Karol, amigo de sua irmã Helena. E que, embora tinha se passado muito tempo, aquele rosto esplendoroso e carismático era o mesmo, apenas acrescido de algumas rugas em virtude da idade.

Uma imagem também inesquecível foi, eu me lembro, a de toda a família Mijas diante da televisão quando João Paulo II esteve pela primeira vez no Brasil. Todos choravam copiosamente ao ouvir a canção: “A bênção, João de Deus! A bênção, João de Deus, nosso povo te abraça. Viestes em missão de paz, sê bem vindo e abençoa este povo que ter ama!”.

E como a canção se repetiu a cada minuto de todos os dias da permanência do Santo Pontífice no país, a família Mijas, se estivesse no nordeste, teria ensopado toda a região e acabado com a seca tamanho o volume de lágrimas, não é, baba? Hoje, sei que aquele homem santo – ou santo homem –, ao aparecer diante de vocês, trazia de volta a tia Helena e todos os bons momentos vividos na ocasião em que ela e Karol foram amigos na Polônia.

Ele, que conheceu também os horrores da guerra, quando tentou fugir da Polônia na iminência da invasão nazista, em boa parte do trajeto em meio às florestas que levariam à fronteira, levou seu idoso e enfermo pai em seu ombro. Ao chegar à fronteira, todos os fugitivos tiveram de retornar de onde vieram – e ele carregou seu pai no ombro novamente como tinha feito na ida. Karol era muito jovem, meio franzino, mas muito forte porque sempre foi um esportista. Claro que sua fortaleza maior não estava no corpo, mas em sua alma. Foi essa alma que também o levou a ser o representante de Deus na Terra segundo dizem os católicos.

Uma das belas e profundas frases ditas por ele, Baba, já na condição de Papa e a de que mais gosto, é a que diz: “Uma vez que se privou o homem da verdade, é pura ilusão pretender torná-lo livre. Verdade e liberdade, com efeito, ou caminham juntas, ou juntas miseravelmente perecem.”



Karol Wojtyła na época em que atuava no teatro –
www.theratzingerforum.yuku.com

Outro amigo do Papa João Paulo II, Baba, e que muitas vezes foi ao encontro dele no Vaticano, era o Padre Estanislau Lobaza, aquele que fez meu casamento na Igreja Nossa Senhora Auxiliadora no Bom Retiro, a Igreja da comunidade polonesa em São Paulo. Todos os domingos, às 11 horas, a missa com a comunidade é rezada. O Padre Estanislau era a simpatia personificada, foi professor na Escola Dom Bosco, e é citado com frequência como mestre inesquecível no blog dos ex-alunos daquela escola.

A Igreja é enorme e lembro-me que no meu casamento ela estava lotada! Linda! Tio Edward e tia Maria Machado foram um dos casais que foram meus padrinhos. O ano era 1979, eu tinha acabado de me formar, e foi a ocasião em que reuni você e minha avó Sarah – minha avó polonesa, minha Baba e minha avó síria. Padre Estanislau foi quem pediu ao artista Victor Reif fazer o Monumento ao Milênio da Polônia Cristã, que fica no Bairro de Pinheiros, aqui na cidade de São Paulo. Lembro-me do Padre Estanislau fazendo batizados, casamentos e outros eventos de nossa família, principalmente frequentando as festas em sua casa, Baba. Mas o que mais me marcou em relação ao padre, que também teve uma história de sofrimento nas guerras mundiais e de refúgio no Brasil, não foi o fato de ele ter sido amigo do Papa, nem de ter feito meu casamento: foi cobrir você de terra polonesa no dia em que se despediu de todos nós e partiu.

Eu sei, Baba. É mais um costume polonês para aqueles que estão longe da sua pátria: quando morrem, são envolvidos e cobertos com terra vinda de lá especialmente para isso, como se estivessem sendo enterrados em solo polonês. Você não quis voltar a sua terra em vida, mas a sua terra, tanto no sentido de pátria, quanto no sentido de solo, estava com você quando deixou este mundo...